

INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO¹

José Lambert*

Katholieke Universiteit Leiven/ Universidade Federal de Ceará

Tradução de

Yéo N'gana**

Universidade Federal de Santa Catarina

Desde 1992 (Snell-Hornby et al. 1994) os Estudos de Tradução* (doravante EdT) reivindicavam o estatuto de “interdisciplina”. Aliás, ainda há dúvidas sobre seu estatuto acadêmico que é mais recente em relação à profissão. Desde Holmes 1988 [1972], o desenvolvimento dos EdT foi, várias vezes, considerado uma história de sucesso; embora não se saiba claramente se os resultados acadêmicos (argumentos e componentes peculiares vinculados ao seu prestígio, tais como livros, sociedades, estudiosos reconhecidos, congressos), foram mais decisivos do que o mercado da tradução no progressivo

¹ O artigo original em inglês se intitula: Lambert, José. “Interdisciplinarity in Translation Studies”. In Gambier, Y. et alii. (2010) *Handbook of Translation Studies*. Vol.3.

* O autor José Lambert, um dos mais notórios teóricos dos Estudos de Tradução, é professor aposentado da Katholieke Universiteit Leiven na Bélgica e atualmente professor visitante na Universidade Federal de Ceará, Brasil.

** Doutorando em Estudos de Tradução, possui Graduação em Letras (Português) pela Universidade Félix Houphouët Boigny (UFHB - 2010) e Mestrado em Letras (Sociolinguística) pela Universidade Félix Houphouët Boigny (UFHB - 2014). Especialização em Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental pelo Centre de Recherches et d'Action pour la Paix (CERAP). Tem experiência em ensino de inglês (Centro Cultural americano - American Corner CIRES). Atualmente é Membro do Núcleo de Pesquisa História da Tradução (CNPq/UFSC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: nganaye@gmail.com



reconhecimento dos EdT. Com efeito, o uso de um nome comum (na nova língua franca), assim como o reconhecimento do currículo de doutorado por 50 centros em todo o mundo, tem obviamente a ver com os sinais de internacionalização desde a segunda guerra mundial e a dinâmica da globalização do final do século 20.

Por incrível que pareça, a Institucionalização dos EdT*** é raramente discutida quando está relacionada à tradução, aos tradutores e sua formação (ver *O Ensino da Tradução / A Formação de Tradutores****), embora o seja com maior frequência quando se trata de seu aspecto acadêmico.

À exceção de algumas iniciativas sociológicas (ver adiante), as reclamações dos estudiosos da tradução para uma interdisciplinaridade e uma cooperação (ver Ferreira Duarte, Assis Rosa & Seruya 2006 e em Gambier & van Doorslaer 2011 [2004]) dificilmente vão além de tentativas individuais para uma inovação nos Estudos Bíblicos, Estudos do Direito, Estudos da Mídia ou Historiografia e mesmo os Estudos de Literatura (Comparada) ou a Linguística.

A História da Ciência assim como a das Universidades, enciclopédias e dicionários produzidos (exemplo <http://www.societes-savantes.org/Wikipedia>) ao longo das épocas e países, ilustra, quase explicitamente, que, apesar de seus compromissos para um conhecimento global, “disciplinas” nem sempre são categorias universais. Nas suas diversas definições (por exemplo, “um ramo do conhecimento ensinado e pesquisado no colégio e na faculdade” [Wikipedia acesso em 16 de julho de 2012]), partilham muitas características da ideia de Wenger sobre “Comunidades de Prática” (Wenger 1998). Ademais, as universidades pelo mundo parecem funcionar como instituições: variam em função das sociedades, instituições políticas, líderes e governança, etc.

1. Posições e Proximidades

A instabilidade pode ter uma conotação positiva quando a cooperação e a interdisciplinaridade estão em jogo. Na primeira gera-

ção de estudiosos da tradução entre os anos 1950 e 1970, os EdTs foram frequentemente motivo de conflitos entre os Estudos de Literatura* Comparada e a Linguística Aplicada**; não porque as duas áreas de estudo tiveram disputas espetaculares sobre tais assuntos, mas porque os pesquisadores que publicaram sobre a tradução representavam uma das duas (ver também *As viradas dos EdT*): até hoje muitos estudiosos da tradução tendem a associar a posição dos EdT com as pessoas que a representam (Lambert 2005). A ideia da Abordagem Integrada (Snell-Hornby 1988) em si, e a de uma Interdisciplina mostraram claramente a necessidade de se criar novos campos de estudo.

Desde então, surgiram muitas parcerias com os EdT. Suas identidades e posições (em termo de importância) nos cursos e manuais dependem dos componentes linguísticos, mas a recente Bibliografia dos EdT, (2004 – em curso, ver Gambier & van Doorslaer 2011) mencionou um importante número de áreas de estudos com que os EdT se relacionam tais como ética, estudos de direito, dublagem*, legendagem*, interpretação comunitária*, análise de discurso, estudos coloniais, humor*, hermenêutica*, estudos de transferência, psicolinguística, fotografia, publicidade**, etc. Disciplinas parceiras como a Linguística, os Estudos Literários e os Estudos Bíblicos se referem à tradução e não aos EdT.

Nas novas discussões interdisciplinares, uma das razões fundamentais pela qual a posição dos EdT não pode mais ser entendida, como era antes de 1975, reside no uso explícito de um conceito sociológico peculiar mas central, por exemplo, i.e., a noção de normas* (original de Toury [1976] 1978). A ideia de que os EdT faziam simplesmente parte da linguística, isto é, uma única disciplina, foi gradualmente abandonada, pelo menos explicitamente. (ver em especial Hermans 1985; Snell-Hornby 1988). Embora a (pesquisa em) tradução tenha muito a ver com língua(s); as sociedades e os tradutores que as compõem, as ideologias***, a religião*, a mídia, e as editoras (ver *Tradução e Política Editorial****) são fatores chaves que não podem ser excluídos. Por conseguinte, novas discussões entre/sobre disciplinas dentro dos

EdT trouxeram novos campos estruturais desde (pelo menos) a metade do década de 70.

2. Viradas e Deslocamentos no conceito da tradução: exclusividade dos EdT?

Uma pesquisa estruturada sobre a Interpretação* foi iniciada algum tempo depois dos EdT, (Pöchhacker 2004) e tem-se desenvolvido progressivamente como uma área mais ou menos paralela. Não obstante, as implicações peculiares da comunicação oral dificultaram a sua integração nas pesquisas acadêmicas. Várias tradições impediram o reconhecimento das pesquisas sobre a dublagem, a legendagem (“tradução audiovisual) e até a mídia impressa. A questão de saber se tais disciplinas constituem subáreas dos EdT ou pontes entre as pesquisas midiáticas ou o discurso oral, permanece ainda confusa. A distinção entre interdisciplinaridade interna e externa reflete as ambiguidades das disciplinas acadêmicas. Estudiosos da tradução dificilmente conseguem lidar com discursos traduzidos sem emprestar conceitos e elementos de áreas de pesquisa já estabelecidas. Esse tipo de contato entre comunidades (acadêmicas) merece ser considerado como um trabalho interdisciplinar uma vez que a troca entre as áreas envolvidas se torna sistemática e/ou explícita e organizada; e particularmente quando o valor acrescentado da interação é a *raison d'être* da internacionalização. Na maioria dos casos de “Interdisciplinaridade bilateral”, iniciativas desse tipo começam dentro de uma das áreas (na dominante) de pesquisa; mas a pesquisa interdisciplinar sobre questões de tradução mostrou-se particularmente gratificante em situações onde a combinação de várias competências de investigação foi usada com uma internacionalização a partir do passado ou do presente (uma interdisciplinaridade multilateral organizada). A verdade é que o contato interdisciplinar nos EdT é difícil de evitar e geralmente implícito. E, projetos (de grande escala) como por exemplo sobre a internacionalização, parecem precisar de novas metodologias**

(Lambert 1989) uma vez que podem implicar relações não só de interdisciplinaridade multilateral, como também de relações interculturais multilaterais.

3. Interdisciplinaridade interna / externa

Toda nova distinção implica a redefinição de (sub)áreas particulares, às vezes, em termos de relações fundamentais de proximidade (por exemplo: A investigação sobre a interpretação e a interpretação comunitária). No entanto, é necessário saber se as várias viradas registradas e analisadas provêm da nova disciplina ou ao contrário de maiores desenvolvimentos interdisciplinares tais como a tecnologia, a comunicação, a sociologia*, etc. (linguistas, intérpretes, dubladores e tradutores de legendas são vizinhos muito diferentes). A tecnologia, a internet, a comunicação (estudos) e outras, têm trazido quadros (teóricos e metodológicos) novos e abrangentes para as Humanidades em geral e os EdT em particular. Uma das dificuldades é a de se saber se os EdT, em revoluções desse tipo, se desenvolvem em harmonia e em paralelo aos Estudos de Comunicação, da Sociolinguística***ou da Antropologia. Depois do movimento de auto-definição da nova disciplina ter decolado (muitas vezes em termos conservadores, isto é, em termos de línguas em vez de normas, fator que têm implicações complexas para a interdisciplinaridade) e as discussões teóricas gerais (exemplo: Lambert 1989; Lambert e Delabastita 1996) insistiram que a relação de proximidade entre a mídia, a internet e as várias outras disciplinas era uma condição *sine qua non* para os EdT. Como poderíamos lidar com a linguagem dos filmes, da televisão, da mídia, sem o apoio das competências resultantes das pesquisas de mídia, isto é, novas interdisciplinaridades? A Linguística e os linguistas muitas vezes relegam a linguagem da mídia aos estudos de comunicação e vice-versa (podemos chamar isso de interdisciplinaridade negativa, isto é, o silêncio em torno das novas áreas intermediárias) (Cattrysse

2000). No caso da interpretação em línguas orais, a academia parece invadida pela interlinguística, uma área ainda inexplorada. Uma das vantagens com áreas inexploradas desse gênero, é que oferecem surpresas como inesperadas descobertas nos campos da semiótica e da língua de sinais. Esse tipo de interdisciplinaridade confirma outra vez que instituições políticas e seus “sistemas” têm um impacto direto: será que a língua de sinais faz parte dos EdT? Na maioria das respostas a essa pergunta (por exemplo em Portugal, no sul e norte da América) a relação entre línguas nacionais e sistemas de ensino aparece como um dos fatores decisivos. Obviamente, não é de se surpreender que a interdisciplinaridade fosse – timidamente? – reconhecida como uma questão essencial nos EdT, particularmente por quem trabalha com mídia e traduz a tela. Durante muitos anos, Yves Gambier chamou a atenção sobre o uso mais ou menos mecânico (muitas vezes bilateral) das disciplinas vizinhas, sejam elas a linguística, a narratologia, a sociologia, a semiótica, etc. Alertou principalmente para o uso unidirecional das disciplinas vizinhas da perspectiva dos EdT, com atenção particular ao uso de conceitos chaves cuja eficiência em termos de relevância contextual na nova área (EdT) ainda não foi provada (Gambier in Ferreira Duarte et al. 2006: 29–42).

4. Resistência à revolução?

Não seria difícil enriquecer tais debates remontando-se à história das inúmeras teorias da tradução: as transferências interdisciplinares dependem da dinâmica da investigação. Com efeito, não sabemos de antemão quais métodos ou disciplinas serão compatíveis com outros. Conceitos e métodos importados podem parecer atraentes ou suspeitos ou os dois; mas, uma conclusão definitiva sobre se a interdisciplinaridade, como tal, é boa ou ruim não pode ser delineada.

A redefinição progressista da tradução e dos EdT também deixou claro que a lista de paralelos tende a ficar mais limitada e

seletiva (ou conservadora?) nas discussões teóricas do que nas bibliográficas; e que a circulação da informação acadêmica entre bibliografias de diferentes disciplinas, particularmente além das questões linguísticas (e.g. Janssens et al. 2004), é muito limitada.

Bassnett e Lefevere (1996) introduziram a ideia de “virada cultural”, que de fato se refere a uma redefinição fundamental da área. A dificuldade pode ser – novamente – quando e onde (e como) exatamente a “cultura” se tornou um ponto central para estudiosos da tradução e quando deixou de ser “o contexto”. No caso de que alguma redefinição cultural tenha se estabelecido dentro das teorias da tradução, metodologias e pesquisas atuais, não é possível ver porquê o momento da virada não inclui o uso de normas desde a metade da década de 70, nem que os Estudos Culturais tenham sido a porta de entrada na cultura.

Quando procura ordem e clareza nas “Questões na sociologia da tradução”, Andrew Chesterman (in Ferreira Duarte et al. 2006:9-27) sugere que cultura e sociologia sejam distinguidas.

Mas seria a língua (tradução) uma área exclusiva para uma (cultura) ou outra (sociedade)? E que elementos próximos da sociologia ou da pesquisa cultural/social são compatíveis com os EdT quando excluem a língua por exemplo? Isso pode mostrar que cultura, língua(s) e tradução(ões) não podem ser abordadas nem combinadas.

Independentemente do que foi escrito sobre os deslocamentos e viradas dentro (e atuando conforme) dos EdT desde o início, podemos assumir que (pelo menos) dois componentes tiveram um impacto maior na interdisciplinaridade: (1) dentro dos EdT, o deslocamento das “línguas” para “normas”; (2) no dia a dia do mundo global fora da academia: o deslocamento para (eletrônico e outro) equipamentos eletrônicos funcionando e dentro de novos tipos de sociedades. Nas duas categorias, os EdT têm uma dívida grande para com as outras áreas de pesquisa e as dinâmicas das sociedades (cultura?) e a comunicação.

E é por isso que uma disciplina como os EdT precisa reavaliar e reconhecer suas experiências (positivas/menos positivas) com outras disciplinas. Sem querer ignorar os movimentos ingênuos den-

tro das disciplinas, e sem contradizer Gambier (em Ferreira Duarte et al. 2006), chegou o momento de detectar e avaliar a pesquisa sobre a tradução fora dos EdT.

1. Quando os EdT começaram, eram uma nova área de pesquisa na qual os *insights* básicos precisavam ser estabelecidos (exemplo: sobre a relativa importância das línguas, dos tradutores individuais, dos canais de comunicação, gêneros, instituições), e neste momento não havia nenhum equipamento ou infraestrutura para a nova disciplina; conseqüentemente a condição *sine qua non* era a de que qualquer início funcionasse a partir da exploração de disciplinas vizinhas (já) canonizadas;
2. Isso implicava (a priori) uma exploração pragmática, e também teórica – o fato de um determinado conceito ter sido usado em outras disciplinas não era necessariamente motivo para uma consideração positiva ou negativa;
3. O pressuposto de que nem os *insights* sobre a tradução nem as pesquisas nos EdT – que não são a mesma coisa – têm avançado através das disciplinas vizinhas, parece ter se generalizado, mas pode voltar a ser injustificado nos próximos anos. Por exemplo, o caso do Mercado do livro (ver Lambert 1989; para a nova “Literatura Mundial”, ver Casanova 1999), a internacionalização da mídia (imprensa/audiovisual), ou talvez no caso da historiografia. Se a linguística e os estudos literários aceitarem (algum dia) as contribuições nos EdT não serão uma mera questão de verdade histórica, mas, ao contrário, de poder e de mercados acadêmicos. Talvez sejamos também carregados de distinguir entre interdisciplinaridades institucionalizadas e locais (« atual » e não institucionalizada). No entanto, o grupo anterior (i.e., o institucionalizado) não pode mais ser considerado ilusório.

Na década passada, foram poucos os estudiosos da tradução que se focaram nas relações com a sociologia como uma das mais

importantes entre as diversas viradas nos EdT (Ferreira Duarte et al. 2006). O que não foi mencionado até aqui é que:

(1) em vários países e canais, a sociologia, como tal, pretende desenvolver « pesquisas aplicadas » à tradução como uma tarefa para sociólogos em colaboração com os EdT (Parada & Diaz Fouces 2006; Heilbron & Sapiro 2002); (2) áreas de inovação nas “pesquisas sociais” muito diferentes, como por exemplo, nos estudos organizacionais com ramificações na psicologia social e na economia, também se referem aos EdT (Janssens et al. 2004), e as referências nos EdT permaneceram desde a década 90 despercebidos. Isso indica que nem toda troca interdisciplinar com os EdT é uma história unilateral.

Nesse momento, pode ser demonstrado que existem muitas áreas de real interdisciplinaridade, por exemplo, pesquisas bidirecionais ou multidirecionais nas quais estudiosos da tradução desempenham(aram) um papel inspirador junto com parceiros “vizinhos”: corpos* paralelos na linguística de corpus (Olohan 2004), novos livros sobre a « produção cultural » e sobre a globalização literária podem dificilmente permanecer periféricos na linguística e nos estudos literários ; predições similares podem se aplicar à historiografia (Declercq et al. 2012) e à ciência bibliográfica ou interdisciplinar e à bibliografia interativa (baseada na tecnologia) (Van Bragt 1995).

5. Pesquisas sobre a Tradução: privilégio ou responsabilidade?

Ao chamarem os EdT de interdisciplina, os estudiosos da tradução e (dentre muitas) instituições de pesquisa reconheceram que pesquisas sobre a tradução não podem ser da responsabilidade nem da competência dos EdT unicamente.

Um dos fatores que mais incomodam na pesquisa interdisciplinar é o fato dela depender da mão de obra, e portanto dos orçamentos, ou simplesmente do Poder. Estudiosos da tradução origi-

nários de áreas diferentes, são também vinculados a seus modos de pesquisas. A bagagem linguística de um grupo abrangente de colegas não é necessariamente um componente positivo, uma vez que projetos coletivos têm grande chance de serem destinados à linguística do que aos EdT. Tais iniciativas coletivas permanecem mais enraizadas nos ambientes acadêmicos literários/culturais, conforme descobrimos nos projetos em Göttingen (Deutsche Forschungsgemeinschaft, 1987–2000), Leuven, Warwick University, Turku e Istambul, onde o financiamento local, nacional e até da União Europeia foi providenciado.

O impacto (a longo prazo) de tais projetos sobre a interdisciplinaridade, incluindo os perfis dos pesquisadores e das suas carreiras acadêmicas, é óbvio. Enquanto a visibilidade acadêmica das disciplinas de pesquisa está fortemente condicionada pelas interdisciplinaridade e internacionalização/globalização, tal como demonstra a recente história das classificações acadêmicas, o financiamento da pesquisa é ainda, em grande parte, um privilégio nacional. E isso é um obstáculo para novas áreas acadêmicas.

Já que a pesquisa internacional está cada vez mais influenciada e condicionada pelos fóruns internacionais, organizações e classificações, além das várias agências nacionais de pesquisa, novas chances de cooperação têm que contar – primeiro – com programas de pesquisa. No caso da União Europeia ou do Deutsche Forschungsgemeinschaft, projetos coletivos começam não somente com prazo, orçamentos e efetivos limitados, e assim por diante; mas, também, sob a supervisão de uma comissão interdisciplinar externa (e internacional). Além das publicações conjuntas e dos relatórios de pesquisa com departamentos afins, esse tipo de projeto levou a futuras publicações, teses, aulas, simpósios, novos perfis acadêmicos e outros trabalhos após o encerro do original. Não é preciso insistir sobre o por quê dos estudiosos independentes terem dificuldade em redefinir as configurações das disciplinas. Mas, os recursos disponíveis atualmente na informação bibliográfica mundial (por exemplo, livros impressos, catálogos de biblioteca) de um lado, ou as informações textuais (« linguística de corpus ») de

outro lado, também apresentam novos desafios fascinantes para estudiosos independentes da tradução, como exemplificado por Van Bragt 1995; Heilbron e Sapiro 2002, entre outros. Por que é que a disciplina se focaria somente em pesquisas de pequena escala (textos individuais, línguas, tradutores) e não em programas e projetos de grande escala?

Na era da globalização, existem algumas razões pertinentes para se assumir a ideia de que a tradução (e questões multilinguais) nunca será um assunto somente para pouca línguas (e países), nem exclusivamente para departamentos de línguas. Já que todas as universidades e disciplinas acadêmicas dependem de discursos, línguas e comunicação; nenhuma delas pode pretender ser independente da tradução ou neutra na tradução, o que faz delas, por definição, objetos de pesquisa. Muitas décadas atrás, a UNESCO tinha considerado que a colheita de informações sobre a tradução era um dever mundial em termos de informações, mas não como objeto para um trabalho acadêmico. Não há dúvida nenhuma sobre a língua e os conceitos baseados na tradução presentes em todas as ciências, nem sobre suas histórias interculturais e interlinguísticas. Desse modo, não se percebe como a história da Ciência poderia excluir a tradução e o multilinguismo* dos seus *index* e bibliografias** ; nem como as universidades poderiam remover a tradução e o multilinguismo dos seus programas de classificação e de Internet. A distinção entre ciências (“positivas”) e as disciplinas principalmente baseadas na língua, da sociologia, economia ou filosofia para a linguística, historiografia ou literatura dificilmente exigem uma justificação, uma vez que o discurso e a argumentação verbal são mais centrais nas “Ciências Humanas” do que na matemática ou na química.

Se a língua e a tradução são aspectos periféricos de determinadas disciplinas, ou ainda se desempenham (tenham desempenhado) um papel substancial, depende obviamente das bagagens culturais e da história envolvida, como objeto de estudo, que pode ser de natureza verbal, e portanto, multicultural. As tradições de várias disciplinas acadêmicas terão seu impacto na mesma questão que debates e conflitos, tal como “a virada linguística” nos estudos

organizacionais ou a história dos estudos literários e a filosofia ilustram. Os EdT podem reduzir radicalmente seu próprio futuro assim que limitarem seu acesso às várias interdisciplinaridades.

Referências

BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André. **Constructing Cultures**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996.

BRAGT, Katrin Van. **Bibliographie des traductions françaises (1810–1840): Répertoires par disciplines**. Leuven: Presses universitaires de Louvain, 1995

CASANOVA, Pascale. **La République mondiale des Lettres**. Paris: Seuil, 1999.

CATTRYSSE, Patrick. **Media translation: Plea for an interdisciplinary approach**, 2000. p. 251–269.

DECLERCQ, Elien, Kusters, Walter & Borre, S. Vanden. **Migration, Intercultural Identities and Border Regions (19th and 20th Centuries)/ Migration, identités interculturelles et espaces frontaliers (XIXe et XXe siècles)**. Brussels: Peter Lang, 2012

FERREIRA Duarte João; ASSIS Rosa; ALEXANDRA & SERUYA, Teresa (ed). **Translation Studies at the Interface of Disciplines**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (ed). **Translation Studies Bibliography**. 2011. (8th release, approx. 22,000 items) [first release 2004]. Disponível em: www.benjamins.nl/online/tsb. Acesso em: 08 mar. 2010

Heilbron, Johan & Sapiro, Gisèle. 2002. *Traduction: les échanges littéraires internationaux*. Special issue of Actes de la recherche en sciences sociales 144.

HERMANS, Theo (ed.). **The Manipulation of Literature**: Studies in Literary Translation. London: Croom Helm, 1985.

HERMANS, Theo. **Translation in Systems**: Descriptive and systemic approaches explained. Manchester: St. Jerome, 1999.

HOLMES, James. The name and nature of Translation Studies. In: BROECK, Raymond van den. **Translated**. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1972, p. 67-80.

JANSSENS, Maddy; LAMBERT, José; STEYAERT, Chris. 2004. "Developing language strategies for international companies: The contribution of Translation Studies." *Journal for World Business* 39, p. 414-430.

LAMBERT, José; DELABASTITA, Dirk. La traduction de textes audiovisuels: Modes et enjeux culturels. In: GAMBIER Yves, **Les transferts linguistiques dans les médias audiovisuels**. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 1996, p.33-58.

LAMBERT, José. La traduction, les langues et la communication de masse. Les ambiguïtés du discours international. **Target** n.1 v.(2).1989, p. 215-237.

LAMBERT, José. Is Translation Studies too literary? **Génesis**: Revista Científica do ISAI. n.5. 2005, p.7-20.

OLOHAN, Maeve. **Introducing Corpora in Translation Studies**. London: Routledge, 2004.

PARADA, Arturo; DIAZ, Fouces Oscar. **Sociology of Translation**. Vigo: Universidade de Vigo, 2006.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. London: Routledge. 2004.

SNELL-HORNBY, Mary; PÖCHHACKER, Franz & KAINDL, Klaus. **Translation Studies: An Interdiscipline**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

TOURY, Gideon. The nature and role of norms in literary translation. HOLMES, James S; LAMBERT, José; BROECK, Raymond van den. In **Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies**. Leuven: acco.1978/1976, p. 83–100.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice**. Cambridge: Cambridge UP, 1998.

Recebido em: 05/11/2016

Aceito em: 15/01/2017

Publicado em maio de 2017